



UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE MEMÓRIA

João Antônio de Sousa Lira
joao.lira.antonio@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo fazer uma breve discussão bibliográfica a respeito do conceito de memória utilizado na pesquisa em educação, pois discutir memória é um campo minado de interrogações, principalmente quando queremos apreender sentidos de “que”, ou “de alguma coisa”, pois são várias lacunas existentes entre um espaço de tempo vivido e o que se vive. Assim tomamos por suporte teórico Halbwaschs (1990), Le Goff (1994), Barros (2009) dentre outros. Deste modo podemos dizer que a memória faz parte de uma esfera social, e como tudo que é social sofre modificações no decorrer do tempo. Neste sentido nos detemos neste artigo a essa memória que é um bem comum entre os indivíduos, a essa memória que traz a identidade do grupo.

Palavras-chave: Memória. História. Educação.

Memória: uma discussão necessária

Há algum tempo ouvi dizer que contar “histórias” expressa as marcas e as sutilezas de quem as contam. Da mesma forma que escrever também traz a subjetividade de quem escreve e num rearranjo entre ouvir as histórias e escrevê-las, as subjetividades tanto de quem conta quanto a de quem escreve se entrelaçam.

Desde criança tive contato com histórias de “velhos” que narravam suas vidas, as aventuras do tempo de mocidade, como foram educados etc. Lembro-me que ficava sentado aos pés de minha bisavó com olhos brilhando, cheios d’água imaginando como era o mundo antes de eu nascer. A história pra mim particularmente sempre foi uma aventura a ser descoberta, uma trama social que se constituía em minha mente ao ato de ouvir contar “histórias”.

Ao entrar no universo acadêmico tive contato com a disciplina de História da Educação e ao mesmo tempo com outros atores e atrizes sociais e conseqüentemente com outras vozes, vivências e outras narrativas além daqueles da pequena e pacata cidade da qual sou filho, Nova- Iorque (MA). Para mim, o Cultivo das memórias é parecido com o de um jardim, pois no



jardim primeiro você prepara o terreno, planta as rosas, rega e por fim as colhe para que não morram no lugar em que nasceram. O caso da memória é um pouco parecido. Assim, o terreno que as nossas memórias se constituem são as relações sociais, o contato com o outro e as instituições geram situações boas ou ruins que iremos armazenar em nossa memória que é uma capacidade cognitiva de armazenar informações em algum lugar do nosso cérebro, e continuamos a ser regados por situações no cotidiano que vão constituir nossa subjetividade, e por fim para que essas memórias, essas vivências, essa visão de mundo não acabem se perdendo é o nosso dever como pesquisador cultivar essas lembranças, dar vazão, interpretação as tramas vividas para que essas flores não morram no jardim.

Se buscarmos uma origem para a memória tal qual conhecemos hoje, podemos dizer que a mesma, desde os primórdios era utilizada para contar, repassar mitos através da oralidade, uma vez que a palavra escrita não existia, e se existia nem todos tinham acesso a ela. Nesse processo de contar mitos a utilização da memória era de total relevância, pois passava adiante costumes e tradicionais da sociedade para as novas gerações.

Para nós particularmente a memória sempre esteve entrelaçada com a história, uma vez que, todo e qualquer documento seja escrito ou oral utiliza dessa capacidade cognitiva para afirmar valores na sociedade, sendo assim, a memória está diretamente relacionada com a linguagem. Henri Atlan (Apud, Le Goff 1994, p. 425) diz que “a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas”.

Consideramos então a memória como fruto da organização social, onde esta é resultado dos sistemas dinâmicos dessas organizações, sendo dessa forma essa só existe “na medida em que a organização as mantém ou as constitui” (LE GOFF, 1994, p. 424). Em outros termos, a memória é resultado de uma organização social brevemente construída, aqui vale ressaltar que a construção da memória histórica sempre está a favor de quem fica na ponta da



hierarquia social que detém o poder e estabelecem assim uma memória nacional, baseada nos fatos considerados importantes para o país, àquela apoiada nos feitos dos grandes homens, os “heróis”. Não devemos conceber a memória presa nesse liame, é necessário resgatar outras memórias que vão à contramão dessa memória nacional estabelecida. Para Martins (2007, p.1) “a memória é o registro transcendente do tempo que já não mais é, ativado no presente pela lembrança que opera o uso dos conteúdos da memória”.

No decorrer das leituras realizadas para a construção do texto algumas indagações nos foram postas dentre elas: “qual a diferença entre memória e lembrança?”. De acordo com Le Goff (1994, p.423) entendemos “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar suas impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Dessa forma a entendemos como local de depósito de nossas vivências em que são constantemente atualizadas pelas novas interações que estabelecemos no meio. Segundo Halbwachs (1990, p. 71) “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras construções feitas em épocas anteriores a de onde nossa imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

De forma análoga podemos comparar memória e lembrança como uma horta, pois, para poder plantar as leguminosas precisamos adubar primeiro o canteiro, entendamos o canteiro como o cérebro, assim, o adubo são as nossas vivências. No entanto, para podermos plantar no canteiro precisamos estar inseridos em grupo social, da interação com o grupo iremos armazenar as informações, as tradições, costumes e crenças no canteiro, gerando assim as leguminosas, desse modo, as leguminosas são nossas memórias. Depois de plantadas as nossas memórias, precisamos colher, agora imaginemos que ao preparar um almoço uma dona de casa precise de alguns legumes então vai até o canteiro e os colhe para temperar a comida, assim ocorre com as lembranças que precisam ser lembradas. Vejamos que a dona de casa colheu



apenas alguns legumes, isso porque as lembranças não podem ser apreendidas todas de uma única vez, até porque nossa memória não permite.

Rodrigues (2003) ao mencionar a obra “A Prática da História” da historiadora Bárbara Tuchman, nos traz uma analogia da autora dizendo que a queda de uma árvore numa floresta só será história se causar desdobramentos, ou seja, se com a queda dessa árvore uma estrada for obstruída e provocar mudanças na rota de uma espécie. Tomemos por base na analogia a espécie humana, mais especificamente um grupo de homens e mulheres de uma mesma comunidade, então a queda da árvore se tornará um elo comum entre aqueles que faziam a rota e que tiveram de mudar a direção, dessa forma a memória destes se torna coletiva.

Maurice Halbwachs em “A memória Coletiva” contrapõe a ideia de existir somente uma memória individual, pois segundo o mesmo só conseguimos rememorar fatos passados de nossa existência estando em contato com os outros, mesmo quando eles não estiverem presente, pois em nossas memórias evocamos lembranças do grupo ao qual pertencemos, seja ao contemplarmos uma pintura, ao ouvirmos uma música, ao observamos uma construção arquitetônica.

[...] Nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomendada, não somente pela mesma pessoa, mais por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

Vale ressaltar, que, discutir memória é um campo minado de interrogações, principalmente quando queremos apreender sentidos de “que”, ou “de alguma coisa”, pois são várias lacunas existentes entre um espaço de tempo vivido e o que se vive. É necessário, no entanto compreender os dois tipos de organização de memória posto por Halbwachs (1990), a primeira se trata da memória individual, aquela que se organiza em torno de um indivíduo com subjetividade definida no quadro de sua personalidade, onde suas lembranças individuais, àquelas que não são compartilhadas diretamente com



o grupo, porque pertence apenas a ele. O segundo tipo de organização da memória é a memória coletiva, essa envolve as memórias individuais, em outros termos, é o compartilhamento de lembranças em comum entre os membros da comunidade, dessa forma envolve as memórias individuais.

Se essas duas memórias se penetram freqüentemente: em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, descolar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho. (...) A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS. 1990, p. 53-54).

Para Barros (2009, p 37) “devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos”. Assim, podemos dizer que a memória coletiva faz parte de uma esfera social, e como tudo que é social sofre modificações no decorrer do tempo. Neste sentido nos detemos neste artigo a essa memória que é um bem comum entre os indivíduos, a essa memória que traz a identidade do grupo.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D’Assunção. **História e memória**– uma relação na confluência entre tempo e espaço. MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOLFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernado leitão. 3ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. **O enigma do passado**: construção social da memória histórica. TEXTOS DE HISTÓRIA, vol. 15, nº 1/2, 2007.

RODRIGUES, Rui Martinho. A Propósito da História Oral .In: VASCONCELOS, José Gerardo; JUNIOR, Antonio Germano Magalhães. **Linguagens da História**. Fortaleza: Impreço, 2003.
